

AS PRÁTICAS DE LEITURA DA ESCOLA NORMAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA: UMA ABORDAGEM DA LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL

Ileuza Costa Cardoso

Graduada em História pela Universidade Estadual Sudoeste da Bahia (UESB)

E-mail: icostacardoso@yahoo.com.br

Palavras-chave: Cultura escolar. Leitura. Práticas sociais de leitura. Ritos de leitura.

Apresentando uma preocupação com as práticas de leitura da Escola Normal e sua função social

A preocupação em abordar as práticas de leitura da Escola Normal surgiu inicialmente de uma simples questão se de fato as atividades de leitura desenvolvidas e aplicadas na referida instituição têm uma função social. Função esta que ressuma a prática social como uma ação do sujeito de se reconhecer como produtor e receptor de cultura, um ser criador, inventor e transformador na sua relação com o contexto que está inserido e sua realidade a partir de questões norteadoras como o que se lê, por que se lê, para que se lê e como se lê. Nestas condições, poder perceber como as práticas de leitura desenvolvidas e aplicadas na Escola Normal interferem na vida social dos sujeitos investigados, levando-os à conscientização que o lugar social, experiências, relações com o outro, o seu espaço dialógico com o seu contexto, valores da comunidade são fundamentais no processo de construção das práticas sociais. Escolhendo, assim, esta escola, por ser uma instituição tradicional na formação de profissionais do magistério da cidade de Vitória da Conquista, não será indiferente, indicar os dispositivos simbólicos e semióticos dos sistemas de ensino, estabelecendo as relações com o cotidiano da leitura na escola, identificando os ritos como elementos significativos nas práticas sociais de leitura, pretendendo com isso uma contribuição para os estudos da leitura, abordando a função social das práticas de leitura que possam abrir o leque das múltiplas possibilidades da leitura como prática social.

O problema da leitura no campo científico

Observo como cresce estudar cientificamente sobre leitura e suas práticas sociais. Mas estudar para entender o que sobre leitura? A leitura, em um valor intróito, é uma prática cultural; ela é inventiva, criativa; ela é inspiradora; ela é um ponto de partida; é o diálogo entre o leitor e o que se ler, entre o seu contexto; ela é dialógica.

As várias formas de se ler nos proporcionam que há algo muito mais ainda a ser discutido, pesquisado e publicado a respeito, por ser um tema atual do campo científico. Assim, pois, de início, traz para o âmbito acadêmico, quem sabe, o desfazer do nó górdio, que buscamos para conferir se as práticas de leitura desenvolvidas nas escolas, nas ruas, enfim, em todo lugar, em todas as circunstâncias nos oferece um desafio, um problema para agir com a nossa função social. Até porque, o discurso sobre leitura é um problema, pois

o problema da leitura é um problema central. E, por outro, não é menos claro que as maneiras de abordar esse problema permaneceram muito tempo compartimentadas e que bem poucos diálogos foram instaurados entre sociólogos e psicólogos, sociólogos e historiadores ou historiadores da literatura (CHARTIER, 2001, p. 231).

Esse dispositivo da leitura como um problema central, proporcionou um avanço decisivo para o campo da pesquisa. O que antes era muito pouco abordado entre os estudos ligados às ciências humanas e à psicologia, ganha campo em busca de novos caminhos, tentando resolver o problema da leitura. Desse modo, coloco que, para resolver o problema da leitura, não é desferindo o “nó górdio” como um golpe fatal nem tão pouco como um efeito “ready made”, desconsiderando a sua natureza, mas traçando caminhos, desfazendo nós, observando a sua natureza e rompendo com crenças e concepções de que a prática de leitura é guiada pela linearidade, pelo utilitário, pelo funcional, pela compartimentação que desfoca da multidimensionalidade cultural dos grupos sociais de uma dada sociedade que encontram nas práticas de leitura o fio condutor para uma prática social. Contudo, esse fio condutor (práticas de leitura), pode se tornar o fio traçoeiro de Ariadne porque a depender de como as relações de poder configuram em um determinado lugar articula o que é permitido e o que é proibido, como aponta Certeau (1982):

antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela. Esta instituição se inscreve num complexo que lhe permite apenas um tipo de produção e lhe proíbe outros. Tal é a dupla função do lugar. Ele torna possível certas pesquisas em função de

conjunturas e problemáticas comuns. Mas torna outras impossíveis; exclui do discurso aquilo que é condição num momento dado; representa o papel de uma censura com relação aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) na análise. Sem dúvida, esta combinação entre permissão e interdição é o ponto cego da pesquisa histórica e a razão pela qual ela não é compatível com qualquer coisa. É igualmente sobre esta combinação que age o trabalho destinado a modificá-la (CERTEAU, 1982, p. 77).

Facilmente se presume que toda pesquisa que objetiva investigar um lugar, inclusive a histórica, sofre a permissão e a interdição de sua realização, principalmente sobre questões sociais, o que não seria diferente com a pesquisa sobre leitura como prática social.

É interessante destacar que permissão e a interdição de uma pesquisa tendo como problema central as práticas de leitura, só faz confirmar o que Chartier (2001) fala sobre as maneiras *compartimentadas e os poucos diálogos* para abordar o problema da leitura. Não obstante, o campo da linguagem, da literatura, da história da cultura, da antropologia, da sociologia, da psicologia, parte do mesmo ponto que antes se tinha pouco interesse de se aprofundar, mas que agora dialoga com as dimensões de um ser humano, um ser emocional, um ser sócio-cultural, um ser antropológico etc, tentando modificar sobre a “combinação entre permissão e interdição” que Certeau (1982) coloca. Desse modo, eu vejo, que só não resgata aí um déficit de um problema epistemológico, mas também cultural.

Como se pode observar, as práticas de leitura oferecem um campo de pesquisa vasto que só vem nos mostrar a sua multidimensionalidade. Devido a isso, todas áreas pesquisam partindo do pressuposto que as leituras envolvem sentidos. Isto posto, não nos deixemos mais incorrer no mito de Sísifo, em que as práticas de leitura estão condenadas a repetir uma função sem sentido, sem suas práticas sociais. Contudo, as leituras envolvem sentidos, produzem sentidos, produzem práticas sociais que envolvem pessoas, indivíduos de uma sociedade e dentro de uma sociedade existem várias culturas.

Convém, no entanto, dizer aqui, que cultura é um elemento estruturante, determinante de um meio social. Assim como a minha pesquisa se propõe a estudar a leitura como prática social, é impossível dissociá-la da cultura ou culturas que os indivíduos de uma sociedade estão inseridos; estarei pesquisando as práticas de leitura desenvolvidas e aplicadas pela Escola Normal, focando as leituras de textos, de imagens, as orais, para melhor recortar o tema, buscando alcançar se de fato as práticas sociais (também práticas culturais) estão sendo abordadas de maneira que contextualizem a escola e o universo dos indivíduos presentes neste espaço da escola.

Assim fazendo, todo mundo ler um pouco de tudo. O grupo social, querendo ou não, circula suas apropriações; se ver de cima para baixo e de baixo para cima e é justamente nesta abordagem, que a História Cultural nos vem propor as múltiplas possibilidades de trabalhar a cultura. Assim, como destaca Pesavento (2004):

[...] Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de idéias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo (PESAVENTO, 2004, p. 15).

E mais ainda, “o olhar de Clio mudou e voltou-se para outras questões e problemas, para outros campos e temas” (PESAVENTO, 2000, p. 15). Assim, Clio, a musa da História, abriu as múltiplas possibilidades de abordagem da História Cultural, entre estas, as práticas sociais da leitura.

A este propósito, as práticas sociais da leitura, têm a sua História, que não está separada das subjetividades, das sensibilidades, dos sentidos, pois:

a rigor, a preocupação com as sensibilidades da História Cultural trouxe para os domínios de Clio a questão do indivíduo, da subjetividade e das histórias de vida. Não mais, contudo, uma história biográfica, dos grandes vultos da História, mas muito mais biografias de gente simples, da gente sem importância, dos subalternos. Uma história de indivíduos que deriva, assim, de uma história social renovada: do estudo dos pobres, dos subalternos enquanto classe ou grupo, detentores de uma expressão cultural dita popular, passou-se a uma história de vida das pessoas humildes, na qual possam ser surpreendidos os sentimentos, as sensações, as emoções, os valores (PESAVENTO, 2004, p. 56).

Assim, pois, penso, que ao buscar pesquisar a leitura como uma prática social, não só estarei tratando de objetividades, mas também de subjetividades de indivíduos traduzindo a realidade dos sentimentos, das emoções, das sensibilidades, dos sentidos que são produzidos. Até porque, a leitura é dialógica. O dialogismo estabelece aos indivíduos a se situarem em seu espaço, em seu contexto, em sua relação com outro, com sua comunidade. Desse modo, as práticas sociais da leitura, estarão permitindo aos indivíduos a contextualizarem a sua realidade, se deparando com os confrontos sociais e também a traduzirem seus sentimentos e emoções, que também se manifestam “por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado” (PESAVENTO, 2004, p. 58).

Da mesma forma, considero impossível dissociar dos sistemas de ensino os dispositivos simbólicos e semióticos que ideologicamente configuram no campo social. Assim,

[...] todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é : se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide como o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (BAKHTIN, 1981, p. 18).

E justamente por minha pesquisa se tratar da leitura como prática social, não deixarei de levar em consideração o simbólico, o semiótico. Ainda assim, o poder simbólico está presente por toda parte, sutil, dominado de maneira que menos se ver. Por isso,

[...] é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Aqui deparo como as relações que se estabelecem entre o processo educacional e as culturas, têm nas produções simbólicas, instrumentos de dominação. Desse modo, o meu propósito na pesquisa também é identificar as produções simbólicas presentes nas práticas de leitura, apesar como Bourdieu (1989) assevera, são sutis, invisíveis.

Uma vez detectados os instrumentos de dominação, note-se as tomadas de posição ideológica dos dominantes, em que Alberto Manguel (1997), tratando-se da leitura de livros, expõe em sua obra *Uma História da Leitura*:

Mas não são apenas os governos totalitários que temem a leitura [...] O medo popular do que um leitor possa fazer entre as páginas de um livro é semelhante ao medo intemporal que os homens têm do que as mulheres possam fazer em lugares secretos de seus corpos, e do que as bruxas e os alquimistas possam fazer em segredo, atrás de portas trancadas. O marfim. De acordo com Virgílio, é o material de que é feito o Portal dos Santos falsos; segundo Sainte-Beuve, é também o material de que é feita a torres do leitor (MANGUEL, 1997, p. 35).

Isto é, o leitor também tem o seu poder que domina, que assusta. E mais adiante, Manguel (1997) completa:

[...] a dicotomia artificial entre vida e leitura é ativamente estimulada pelos donos do poder. Os regimes populares exigem que esqueçamos, e portanto classificam os livros como luxos supérfluos; os regimes totalitários exigem que não pensemos, e portanto proíbem. Ameaçam e censuram; ambos, de um modo geral, exigem que nos tornemos estúpidos e que aceitemos nossa degradação docilmente e, portanto, estimulam o consumo de mingau. Nessas circunstâncias, os leitores não podem deixar de ser subversivos (MANGUEL, 1997, p. 35).

“Os leitores não podem deixar de ser subversivos”, percebendo que as práticas de leitura os permitem e permitirão a dialogar com seu contexto e a relação com o outro; não permitindo sustentar cegamente a sua degradação social.

Enfim, buscar fazer a minha tentativa com esta pesquisa, na escola inicialmente mencionada, poderá apenas me responder se de fato as práticas de leitura desenvolvidas e aplicadas neste espaço escolar, têm sua função social, que para mim, engloba as múltiplas possibilidades de abordagem das práticas sociais da leitura. É apenas uma busca que me possibilitará a um diagnóstico, para responder a minha primeira tentativa de estudar e pesquisar em um campo que cada vez mais cresce no âmbito acadêmico e científico, pelo simples fato de que “as maneiras de abordar o problema da leitura” permaneceram e ainda permanecem “compartimentadas” e “bem poucos diálogos”. Só um pouco mais para concluir mesmo, “cinco tipos de leitura merecem uma atenção especial: *crítica, perigosa, criativa, extensiva e privada*” (BURKE, 2006, p. 67) (Grifo nosso.). Saberei no decorrer da minha pesquisa de campo, o porquê que esses cinco tipos de leitura merecem essa atenção, como Burke (1999) coloca.

A leitura

A gleba da leitura é fértil principalmente quando cultivada por pesquisas que irrigam seus campos com a intenção de livrar das pragas que matam as suas múltiplas possibilidades como prática social. Ninguém pode recusar o estudo desta questão. Leitura que facilmente se presume como apenas uma ato comum de ler quando simplesmente falamos de leitura sem nos atentarmos para suas possibilidades. Assim, pois:

Falando em leitura, podemos ter em mente alguém lendo jornal, revista, folheto, mas o mais comum é pensarmos em leitura de livros. E quando se diz que uma pessoa gosta de ler, “vive lendo”, talvez seja rato de biblioteca ou consumidor de romances, histórias em quadrinhos, fotonovelas. Se “passa em cima dos livros”, na certa estuda muito. Sem dúvida, o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. Bastará

porém decifrar palavras para acontecer a leitura? Como explicaríamos as expressões de uso corrente “fazer a leitura” de um gesto, de uma situação; “ler a mão”, “ler o olhar de alguém”; “ler o tempo”, “ler o espaço”, indicando que o ato de ler vai além da escrita? (MARTINS, 1994, p. 8).

Partindo desse pressuposto, as práticas de leitura abrem um leque para observarmos, senão tirar o véu, que embaça o significado das vivências dos indivíduos. A esse respeito, Martins (1994) aponta:

[...] a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor (MARTINS, 1994, p. 33).

Para Vincent Jouve (2002, p. 17) “a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções”. Ele a vê em um processo de cinco dimensões: neurofisiológico (a leitura é um ato observável que recorre a faculdades do ser humano), cognitivo (depois que o leitor percebe e decifra os signos, entende do que se trata), afetivo (a leitura provém da maior parte das emoções), argumentativo (o texto como resultado de uma vontade criadora, o comprometimento do autor com o mundo e os seres) e o simbólico (o sentido da leitura se instala no contexto cultural onde cada leitor evolui).

Claro está que a análise de Jouve (2002) é relevante para apercebermos de algo com inteligência e método para um caminho que nos leva conhecer a leitura nestas cinco dimensões de seu processo. Eu diria que a leitura está sendo analisada em suas múltiplas possibilidades, como a deusa Atena, a inventora, versátil e possuidora de tantas habilidades.

É fora de dúvida que as práticas de leitura quando observadas, analisadas na sua multidimensionalidade, nos fornecerá, muito mais do que se espera de um simples ato de ler. Isto posto:

[...] Cada um de nós capta sinais de si próprio, mensagens do sistema nervoso, por exemplo, que aprendemos a ler. Através de tal leitura, construímo-nos a nós próprios como entidades inteligíveis, como textos. E é também por meio de sinais que nos apercebemos uns aos outros. Alguns desses sinais, claro, transportam mais informação do que outros (ou melhor informação) e um dos grandes problemas que se apresentam à teoria e à prática da leitura é o que, em tais casos, entendemos por “melhor” (SCHOLLES, 1989, p. 18).

Talvez, aqui na apresentação neste meu objeto, eu não queira apegar-me ao “melhor”, mas perceber que as práticas da leitura se manifestam de várias maneiras apresentando o que de melhor e de possível os leitores ou os indivíduos associam ao seu contexto cultural, percebendo aí, as práticas sociais da leitura, captando os seus sinais e também os sinais dos outros. Nesse sentido, uma leitura de mundo, uma leitura do outro, capaz de entender os sentidos, as emoções, as condições econômicas, culturais, sociais e políticas da sociedade que está o indivíduo inserido e daí poder entender quais os mecanismos que o faz perto ou longe demais do seu universo com as situações, as circunstâncias do seu lugar social e os valores de sua comunidade. Portanto, para mim, isso não seria diferente com espaço escolar que estarei pesquisando, até porque no pensamento gramsciano, a escola é ainda um aparelho ideológico.

Leitura: os sinais e os ritos.

Na mitologia grega, de início, somos levados a conhecer a história dos principais deuses, senão os grandes deuses, mas também há os deuses secundários não tão difundidos, não considerados tão poderosos, porém muito importantes em suas participações nas lendas contadas. Assim, eu diria que o mesmo acontece quando se trata apenas pesquisar sobre as práticas sociais da leitura sem levar em consideração os “deuses menores” como se não tivessem a sua participação, que num estudo não aprofundado, não são tão poderosos como os já vistos: os sinais e os ritos nas práticas de leitura. Diga-se de passagem, que “o preço do ingresso é o labor da própria criação” (SCHOLES, 1989, p. 21). O labor de ir a fundo para entender que nos sinais e nos ritos estão os mecanismos que contribuem para uma leitura adequada de uma sociedade. Portanto, o preço do ingresso é a criação de entender como tudo isso acontece. Desse modo, Scholes (1989, p. 33) diz que “lemos do mesmo modo que falamos, escrevemos, e pensamos, associando sinais de combinando textos, utilizando figuras por semelhança, contigüidade e casualidade para efectuar tal tarefa”. Assim também, me faz lembrar que a leitura que Sherlock Holmes fazia para desvendar os crimes eram os sinais, os indícios, do próprio comportamento dos suspeitos e também das vítimas. Isto posto, a leitura dos sinais trazem revelações que acabam por surpreender o que antes não se dava importância. Pois,

[...] o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. [...] a existência de uma

profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la (GINZBURG, 1989, p. 177).

Assim também, é de suma importância falar aqui sobre os ritos, dos quais estarei focando nas minhas observações com a pesquisa de campo como os ritos de leitura. Isto posto, Mendes (2002) coloca:

Os ritos são extremamente ricos de elementos e significações que nos possibilitam pensar o processo de configuração de determinadas representações. Ritos são aqui entendidos como formas de atualização de certos mitos na sociedade, os quais mantêm a coesão interna de alguns grupos. .Necessitam, por isso, ser examinados na sua relação com a ordem social e cultural onde estão inseridos. O ritual é, ele mesmo, a essência do social, das histórias que a sociedade conta sobre si própria [...] Ora, sabemos que o nosso cotidiano é permeado de ritos, gestos e códigos que atuam como provocadores de significações simbólicas que, em última instância, serão gestores de códigos reguladores e também transgressores em um dado contexto histórico (MENDES, 2002, p. 69).

Convém, no entanto, dizer aqui que os “deuses menores” tomarão uma dimensão protagonizando os estudos das práticas de leitura como práticas sociais da leitura.

Considerações finais

À luz da discussão teórica aqui apresentada, irei conduzir a minha proposta de trabalho com a descrição e especificidade de práticas sociais de leitura desenvolvidas e aplicadas na Escola Normal de Vitória da Conquista. O intento é investigar como as práticas de leitura interferem na vida social dos sujeitos investigados. O trabalho estará visando o lugar social, as experiências, as vivências, as relações com o outro e os valores da comunidade como fundamentais no processo de construção das práticas sociais de leitura.

Uma outra importância que esta pesquisa está visando, que representa as relações de poder, a continuidade do poder dominante, são os dispositivos simbólicos e semióticos dos sistemas de ensino, que estabelecem as relações com o cotidiano da leitura na escola. No campo de produção simbólico, faz aparecer a relação de força e poder entre os agentes presentes em fronts de educação e cultura, comumente manipulados. Isto posto, será dado conhecer e identificar os ritos de leitura, como elementos significativos nas práticas sociais de leitura.

Se não tivermos o cuidado de apurarmos nossos sentidos e nossos compromissos com a educação e a cultura, estaremos dando sempre as boas vindas ao mito de Hidra de Lerna, que cortando o mal sem buscar identificar e conhecer a sua causa, estaremos dando lugar a mais dois. Portanto, identificar e conhecer as práticas de leituras desenvolvidas e aplicadas na Escola Normal estará me proporcionando, estabelecer as relações do contexto escolar com os ritos, os sinais e indícios presentes nos sistemas de ensino deste local escolar. Desse modo, identificando, conhecendo ou não, se as práticas de leitura abordam as possibilidades de leitura de cada indivíduo como prática social.

Assim fazendo, com esta pesquisa, aciono o problema da leitura como um compromisso com a educação e a cultura no contexto escolar.

Referências

- BAKTHIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1981.
- _____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; UNB, 1987.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BURKE, P., BRIGGS, A. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Ed.Zahar, 2006.
- CAVALLO, G., CHARTIER, R. *História da leitura no mundo Ocidental I*. São Paulo: Ática, 2002.
- CERTEAU, M. de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, R. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MENDES, G. F. *Ritos, Símbolos e Discursos na Formação de Professores da Escola Normal de Vitória da Conquista*. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2002. v. 6, p. 67-92.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2001.
- PESAVENTO, Sandra J. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SCHOLES, Robert. *Protocolos de Leitura*. Rio de Janeiro: DEL – Distribuidora de Livros, 1989.